



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

BENEDITO: A RODA DE LEITURA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÕES
IDENTITÁRIAS

JULIANA ANTUNES DE MORAES

Rio de Janeiro
2023

JULIANA ANTUNES DE MORAES

***BENEDITO: A RODA DE LEITURA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÕES
IDENTITÁRIAS***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires

RIO DE JANEIRO

2023

MORAES, Juliana Antunes de

Benedito: a roda de leitura como espaço de discussões identitárias / Juliana Antunes de Moraes. Rio de Janeiro, 2023.

27 f.

Orientador: Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2023.

1. Roda de leitura. 2. Benedito. 3. Identidade. 4. Literatura. I. Pires, Carlos Eduardo de Barros Moreira, orient. II. Título.

SUMÁRIO

1. LISTA DE FIGURAS	5
2. INTRODUÇÃO	6
3. RODA DE LEITURA E PERCEPÇÕES	7
4. CONCLUSÃO	26
5. BIBLIOGRAFIA	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Benedito agachado olhando o tambor	9
Figura 2 - Benedito em pé observando o tambor	10
Figura 3 - Benedito empurrando o tambor	11
Figura 4 - Benedito com as baquetas explorando o tambor	12
Figura 5 - Benedito com as baquetas sob os lábios	15
Figura 6 - Baquetas caindo sob o tambor e emitindo som	16
Figura 7 - Tambor emitindo som e Benedito “se tornando” preto	17
Figura 8 - Benedito tocando tambor com o som ao redor	24
Figura 9 - Benedito recebendo a gunga	25
Figura 10 - Benedito com as vestes festivas acompanhado de um novo personagem	27

INTRODUÇÃO

Apesar de ainda não ser amplamente democratizado, o acesso à literatura é um caminho constantemente utilizado para se introduzir diálogos e debates com crianças em seus anos iniciais de vida. Por meio da literatura, é possível, além de explorar a imaginação infantil, apresentar assuntos e discussões que não surgiriam no dia a dia sem a ajuda de uma dose de fantasia, ou muito além disso, uma dose de realidade.

A literatura não só nos leva para mundos fictícios, como também nos aproxima de realidades que, por muitas vezes, não estão sob alcance de nossos olhos. Por isso, este trabalho apresenta a obra de Josias Marinho, *Benedito*, a uma turma de Educação Infantil, de uma escola de elite de São Paulo, majoritariamente branca, por meio de roda de leitura.

A narrativa contrasta com a realidade dos leitores, uma que vez que retrata, através de linguagem não verbal, um menino negro, Benedito, ainda em seus anos iniciais de vida, que se depara com um tambor colorido. Nas primeiras páginas, ele apenas observa com certo distanciamento o objeto, mas, ao passar as folhas, ele começa a manuseá-lo e a experienciar seus sons, seus cheiros e suas texturas. *Benedito*, sobretudo, é uma história sobre o autoconhecimento identitário e ancestral, e este trabalho escolheu utilizá-lo por propor uma narrativa por meio de imagens.

Como consequência dessas vastas perspectivas, é possível identificar, ao longo da roda de leitura, comentários que fazem o leitor refletir e interpretar temáticas permeadoras da sociedade atual, como racismo estrutural, ancestralidade e identidade de gênero. Esses temas serão vistos e devidamente contextualizados no decorrer deste trabalho.

Além disso, *Benedito* foge de uma proposta recorrente em parte dos livros infantis que se propõem a abordar a negritude: a democracia racial. Constantemente, nos deparamos com narrativas que se comprometem a debater tal questão e, em alguma medida, falham ao apresentar um rumo narrativo que posiciona os seres humanos, racialmente distintos, como iguais. Josias Marinho se afasta dessa discussão, colocando em questão, acima de qualquer debate paralelo que tenha respaldado nesse mito democrático, um protagonista racializado em contato com sua cultura, com seu eu e com os seus.

RODA DE LEITURA E PERCEPÇÕES

Antes de iniciar a análise da roda, é essencial mencionarmos que a temática desta monografia foi pensada ainda no período pandêmico, e, por isso, nem todas as escolas estavam com seu funcionamento habitual. Dessa forma, recorremos a professores que trabalhavam em estabelecimentos com atividades presenciais e que poderiam nos ajudar com a gravação da roda de leitura. Uma docente, que na época residia em São Paulo, aceitou realizar a dinâmica com seus alunos e compartilhar a experiência conosco.

A princípio, o trabalho tinha como objetivo propor a leitura da obra para crianças majoritariamente pretas de uma escola do município do Rio de Janeiro em uma comunidade da Zona Norte. A partir disso, colheríamos as percepções dos leitores e buscaríamos compreender como, ainda em seus primeiros anos, as crianças começam a se autodeclarar e a se enxergar racialmente. Entretanto, a pandemia impossibilitou de seguirmos o objetivo inicial, pois as instituições públicas foram as últimas a retornar às aulas. Todavia, ainda temos interesse em realizar essa roda de conversa e, a partir dela, colher frutos para os próximos passos desta pesquisa.

A Roda de Leitura foi realizada em fevereiro de 2022, período ainda pandêmico e, por isso, os alunos e a professora estavam utilizando máscara e seguindo os protocolos sanitários. Na gravação, é possível visualizar cerca de nove crianças, mas identificamos que há mais algumas espalhadas pela sala. Os participantes da roda não foram especificados durante a dinâmica, visto que utilizam máscaras, o que, por vezes, dificulta uma identificação mais precisa das falas. A escola é localizada na Zona Sul de São Paulo, e as crianças estavam em uma área externa da escola quando a gravação foi feita.

A mediadora, que também é a professora da turma, inicia compartilhando que essa será a terceira vez que ela lê Benedito. E, ao falar em voz alta o nome do livro, algumas crianças repetem, umas em tom de pergunta, outras em tom de surpresa. Aqui, já percebemos o primeiro sinal de estranhamento, visto que Benedito pode não ser um nome tão usual atualmente, principalmente ao ser colocado em uma criança. Entretanto, a escolha do título do livro parece não ser por acaso.

“O nome Benedito significa “aquele que é abençoado”, pois remete a São Benedito, filho de escravos vindos da Etiópia para Itália, que, aos vinte anos, tornou-se um eremita franciscano e inspirador de muitas irmandades religiosas presentes inclusive no Brasil.” (SANTOS, 2021). Além disso, o avô de Josias Marinho também compartilhava desse mesmo

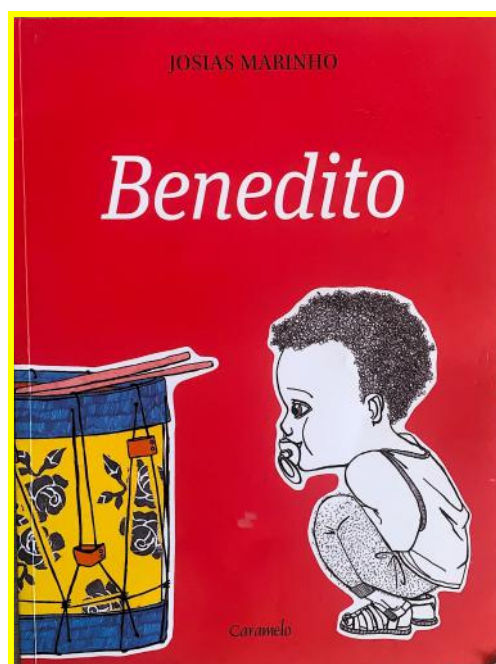
nome, o que estabelece uma conexão afetiva do próprio autor com o título do livro. (Idem, 2021)

Logo após, a mediadora complementa: "E esse é um livro que vocês precisam olhar pra ele". Os alunos, por sua vez, questionam o porquê, e um deles responde rapidamente "porque é um livro de imagens".

Quando falamos em educação infantil e experiência literária, notamos que, desde a década de 90, o texto visual voltado para jovens leitores vem ocupando um espaço significativo no mercado editorial. Estas obras têm investido na produção de imagens e suplementos lúdicos como tendência, não como uma forma de imposição, visto que percebemos uma demanda e uma expectativa do próprio público (Paiva; Ramos, 2016). Esse desejo fica evidente, já que as crianças da roda se alegram e comemoram a descoberta de que *Benedito* é um livro imagético, ou um livro álbum, dependendo do nome que se queira dar a esse gênero de livro.

Antes de iniciar a leitura, a professora folheia a obra e mostra aos alunos a capa, a contracapa, o nome do autor e lê rapidamente a dedicatória, lembrando que esta é uma etapa que eles, inclusive, já fizeram em sala. Na dedicatória, Josias Marinho dedica a obra para seus sobrinhos, afilhados e amigos. Ademais, ele aproveita o espaço para saudar e celebrar Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Por fim, ele saúda os reis e as rainhas do Congado, festividade esta que permeia toda a narrativa de *Benedito* e que será aprofundada no decorrer da roda de leitura.

A capa do livro (figura 1) traz uma criança que, automaticamente, relacionamos ao título, Benedito. Ela está abaixada, olhando para um instrumento musical que, aparentemente, é um tambor.



(figura 1: Benedito agachado olhando o tambor)

O livro é colorido, e o tambor possui as cores amarela e azul e conta com uma estampa florida, que fornece certa alegria ao objeto. Além dele, a capa possui fundo vermelho, o que destaca tanto o instrumento quanto o próprio Benedito, que destoa em preto e branco. Curiosamente, o personagem parece estar sem cor, como se esquecessem de pintá-lo, tal como uma folha em branco que ainda precisa de uma história. As roupas infantis e a chupeta na boca acompanham e caracterizam a criança que iremos acompanhar nas próximas páginas.

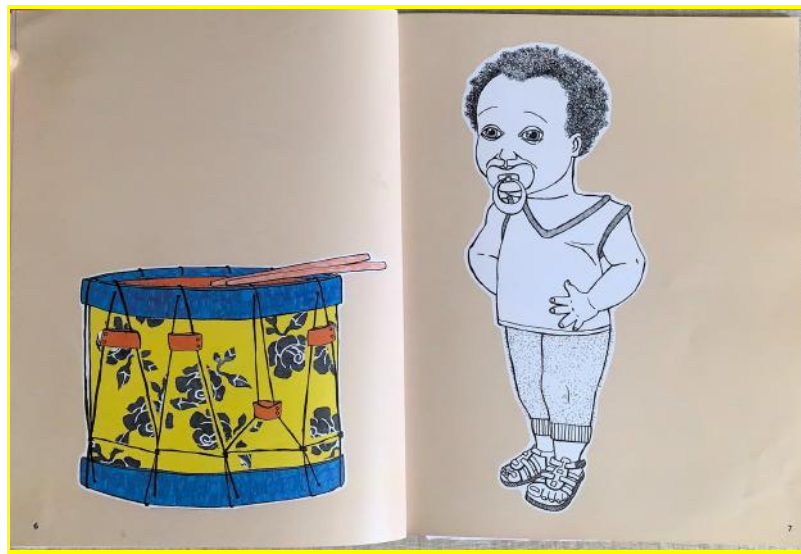
Partindo para a leitura do livro na mediação, a professora apresenta a imagem do tambor aos alunos. Ao mostrá-lo, alguns de prontidão já relacionam com a figura da capa, e outros tentam decifrar do que se trata, arriscando objetos como um pote de comida e um berço. A mediadora logo direciona o livro aos alunos e vai mudando-o de direção para que os leitores consigam visualizar a figura sob outra perspectiva, chegando, dessa forma, ao tambor.

A primeira página que inicia a história é exclusiva do objeto central da obra. Ele, que foi colocado no canto da capa do livro, em sua primeira página, toma para si todo o espaço, acompanhado de duas baquetas.

Ao virar a página, podemos ver Benedito, e os estudantes logo se atentam e se animam, expressando: “O Benedito!”. Nesse momento, o personagem, propriamente, aparece na narrativa. Conseguimos perceber que, ao colocá-lo ao lado do tambor, se constrói um

cenário de musicalidade que perpassa o campo visual e se transporta para o físico, pois três estudantes se levantam e dois deles começam a dançar uma música muito famosa na época da gravação. Compreendemos, por sua vez, que o trabalho com a leitura visual é capaz de criar uma experiência estética nos leitores, que ultrapassa o campo da observação e se deixa levar pela emoção que aquele conjunto, artisticamente construído, provoca (Ramos e Nunes, 2013). O instrumento posto, juntamente com as inúmeras possibilidades de interpretações oferecidas ao apresentar apenas o desenho de Benedito encarando o tambor, enriquece a leitura, sendo capaz de atravessar o território imagético e verbal e se inserir no território corporal e simbólico da criança.

Nesta página (figura 2), Benedito se posiciona ao lado do tambor e somente o observa. A face dele, juntamente com uma das mãos apoiada na cintura, reflete um certo olhar curioso, como o de alguém intrigado, que deseja descobrir mais sobre aquele interessante e, aparentemente, novo artefato.



(figura 2: Benedito em pé observando o tambor)

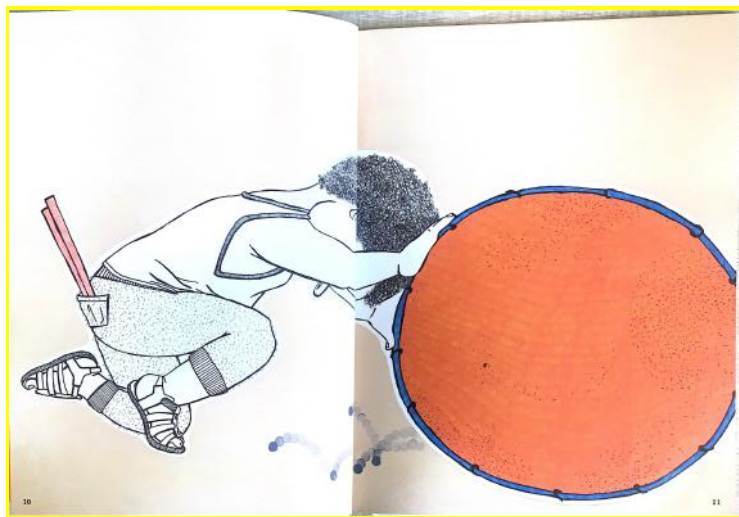
A ilustração da próxima página é bem parecida com a capa do livro, com o personagem principal abaixado olhando para o tambor. Os leitores se atentam a esse detalhe, fazendo a observação: “A posição que ele tá na capa antes”, identificando a semelhança. Aqui, Benedito aparece com a feição mais alegre, abandonando o aspecto desconfiado da lauda anterior. A professora passa lentamente com a ilustração para que todos a vejam.

Podemos reparar que Josias Marinho segmenta bastante cada página, o que faz com que o leitor acompanhe cada descoberta feita por Benedito, até mesmo as mais sutis. Dessa

forma, embora, a princípio, algumas páginas pareçam iguais, cada uma delas traz um sentimento novo experienciado por Benedito e que, conseqüentemente, contamina o leitor.

A mediadora segue para a próxima página (figura 3), que nos apresenta Benedito agachado, com uma das baquetas no bolso, supostamente, empurrando o tambor. Nesse momento, acontece seu primeiro contato físico com o objeto. É interessante perceber que o leitor acompanha todo o processo de reconhecimento do tambor por parte de Benedito, que se inicia com certo distanciamento e receio, logo após se transforma em alegria e, agora, chega ao toque.

Ao ver a imagem descrita acima, as crianças começam a compartilhar o que enxergam. Um deles fala “Ele quer entrar dentro do tambor”, outro “Ele tá empurrando o tambor pra fazer um som”, seguido por várias outras especulações: “Ele quer consertar”, “Ele quer levar *pra* outro lugar”. A professora instiga a participação deles e questiona as ideias trazidas, construindo um espaço de pensamento reflexivo. Por isso, ela pergunta o seguinte à aluna que expôs que o tambor precisava ser consertado: “Tava quebrado o tambor antes? Por que você acha isso?” A aluna atenciosamente explica que o canto do instrumento parece estar quebrado e que o ar está saindo do tambor. O que ela sinaliza como ar é o som do tambor na representação gráfica, ilustrado como pontilhados de tonalidade azul marinho. Ao lado do tambor, as formas criam uma noção de movimento e musicalidade:



(figura 3: Benedito empurrando o tambor)

A próxima lauda mostra Benedito manuseando ainda mais o objeto. À medida que ele o chacoalha, o som se espalha pela página, tomando conta do espaço. A mediadora passa para essa página enquanto ainda ocorre o debate anterior. Um dos alunos, então, comenta que

os círculos, que representam o som do instrumento, são “pedrinhas”. Prontamente, seu colega de leitura revida: “E desde quando pedrinha é azul?” Dessa forma, presenciamos vários palpites e uma busca pela compreensão do que seria essa forma geométrica misteriosa.

A mediadora passa rapidamente pela página em que Benedito aparece no plano central com uma chupeta (figura 4), e a observação feita por um dos alunos foi exatamente essa, que ele estava chupando chupeta e que esta parecia estar caindo da boca do personagem. Um dos alunos ainda arrisca imitar a feição do protagonista da obra, reproduzindo também seus movimentos dos braços. O interessante é que, nesta ocasião, a expressão facial confusa de Benedito volta à tona. Como agora ele está distante do tambor, parece que o personagem busca entender como funciona o objeto e o que ele precisa fazer para que saia o som.

A propósito, a aparição de Benedito com esse item comumente usado nas fases iniciais da infância tem grande simbologia para narrativa, e isso será visto mais adiante, mas é interessante destacar previamente que a construção do tempo na história se dá por diferentes meios, e a atribuição da chupeta no início da narrativa é um deles.



(figura 4: Benedito com as baquetas explorando o tambor)

A página seguinte mostra a imagem de Benedito de costas, com os braços abertos e as baquetas nas mãos, tal como um maestro. Parece que ele tenta dar um comando para que o tambor volte a produzir sons, já que, neste momento, ele está distante do objeto e as

representações gráficas não estão se manifestando. Um aluno comenta que Benedito está equilibrando as baquetas e complementa, como se estivesse dando voz ao personagem: "Ó, eu sou um mágico, tá vendo, galera?". No entanto, o debate central se inicia quando os alunos começam a criar conexões entre a narrativa e a cultura afro-brasileira.

Um dos leitores mais participativos até o momento pergunta: "Tia, ele é da África?", e, então, ela prontamente retorna o questionamento: "Por que você acha que ele é da África?". Um outro leitor, que se mostrava atento ao diálogo responde: "É porque esse tambor é da África", e a mediadora, a fim de extrair o máximo das percepções dos estudantes, os indaga novamente: "Como é que você sabe que esse tambor é da África?" e, curiosamente, um novo aluno traz a seguinte resposta: "Porque a boca é carnuda".

O primeiro leitor indaga se Benedito era da África e retorna a dizer que este parece um menino africano. Um colega de classe, que não conseguimos identificar, não concorda, confirmando depois que "lá na África não tem a boca assim". Aqui, é possível observar que as opiniões sobre a origem de Benedito se baseiam nos traços físicos do personagem, mais diretamente na boca, e há um motivo para essas associações, como veremos.

É importante ressaltar que não é a primeira vez que histórias com protagonistas negros e que retratam a cultura afrobrasileira são apresentadas a esse grupo de alunos, uma vez que a professora informa que eles leram *O pequeno príncipe Preto*, de Rodrigo França. É notável como os estudantes utilizam essa acumulação da experiência leitora, sendo capazes de relacionar tópicos tratados no livro de França com *Benedito*, como foi o caso da "boca carnuda".

O livro descreve o personagem, que possui traços afrodescendentes, como a boca grande, o nariz largo e o cabelo crespo, perfil este que se distancia bastante dos participantes da roda.

Minha boca é grande e carnuda. Olhe meu sorriso como é simpático e bonito. Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém... Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer, quero que fique pra cima, igual os galhos da Baobá. (FRANÇA, 2020)

Além de descrever o Pequeno Príncipe Preto, França faz questão de relatar o quanto aquele é feliz por ser como é, valorizando, portanto, a autoestima e a exaltação da beleza negra.. A intertextualidade criada entre as narrativas é extremamente enriquecedora, pois cria

um encontro entre leitor e obra capaz de ampliar ideias e discursos que antes poderiam passar despercebidos.

Nesse ponto da roda de leitura, conseguimos perceber, como mencionado anteriormente, que algumas crianças fazem uma ligação direta entre o tambor e os traços físicos do personagem, concluindo assim que ele seria da “África”. Logo após, um dos meninos diz: “ Na África tem muitas pessoas que usam sandália”, fazendo referência ao sapato utilizado pelo personagem. A mediadora, no entanto, rapidamente pergunta se aqui (no Brasil) também se utiliza sandálias como aquela, e o aluno confirma. Nesse momento, mesmo de forma implícita, ela demonstra que aquele não é um adereço exclusivamente africano e que pessoas daqui também fazem uso dele. Com isso, aos poucos, ela tenta direcionar o olhar dos alunos para que percebam que, mesmo Benedito tendo traços afrodescendentes e brincando com um tambor, ele pode estar mais perto do que eles imaginam.

Um comentário interessante que um dos participantes da roda faz quando a mediadora pergunta sobre os brasileiros também usarem sandália é “Bahia”. Ou seja, ele não prevê a possibilidade de que onde ele mora (São Paulo) tenham pessoas que utilizam esse tipo de calçado, pois, provavelmente, não é algo usual em seu meio. Dessa forma, mesmo a professora tentando, de certa forma, aproximar territorialmente o personagem dos alunos, não ocorre identificação, pois não só as sandálias do personagem causam estranhamento a eles, como o próprio Benedito em si, por ser uma criança negra.

A mediadora passa devagar pela página em que Benedito está com a baqueta sob os lábios e a chupeta na boca, para que todos possam ver. Eles, por sinal, fazem comentários externos ao livro que não conseguimos compreender, por conta do barulho. Um aluno comenta que Benedito está fazendo a baqueta de bigode e, após isso, eles seguem para a próxima lauda.

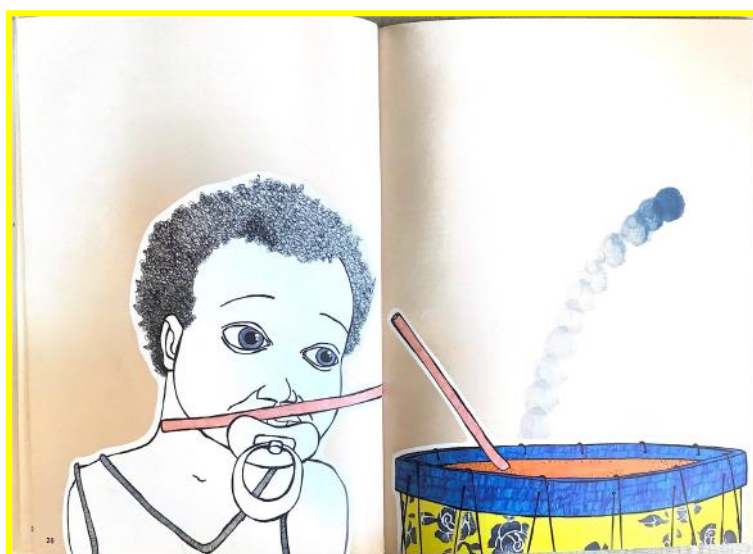
Ao passar a página, a baqueta que estava na boca do personagem escorre e cai em cima do tambor. Um menino prontamente aponta para os círculos em azul ilustrados na página e pergunta: “O que é isso?”. Ele e os colegas se animam e novamente isso se evidencia corporalmente, já que as crianças se aproximam do livro, começam a folhear as páginas e voltam a criar hipóteses sobre o significado das formas: “Será que ele tocou isso aqui e saiu o som?”. A professora faz cara de surpresa e comenta: “Será que isso aqui é o som?”, trazendo um tom de possibilidade. Os leitores seguem avançando com suas hipóteses: “Cada vez mais aparece o som”, “É tipo o eco”, “Aqui tá maior do que aqui”, comparando os desenhos das

páginas. A mediadora aproveita para apoiar os alunos e estimulá-los, dizendo que era algo que ela ainda não havia reparado.

Estas duas últimas páginas nos revelam uma das descobertas feitas por Benedito. Até aqui, acompanhamos o personagem principal conhecendo e desvendando um instrumento que reconhecemos como tambor. Parecia ser uma incógnita para Benedito a origem do som, ilustrado na obra por formas gráficas em azul marinho. Entretanto, as duas páginas inseridas abaixo se complementam, visto que primeiro vemos Benedito com uma cara desmotivada (figura 5), segurando as baquetas entre os lábios e, ao virarmos a lauda, elas caem em cima do instrumento, emitindo o tão aguardado som (figura 6).



(figura 5: Benedito com as baquetas sob os lábios)

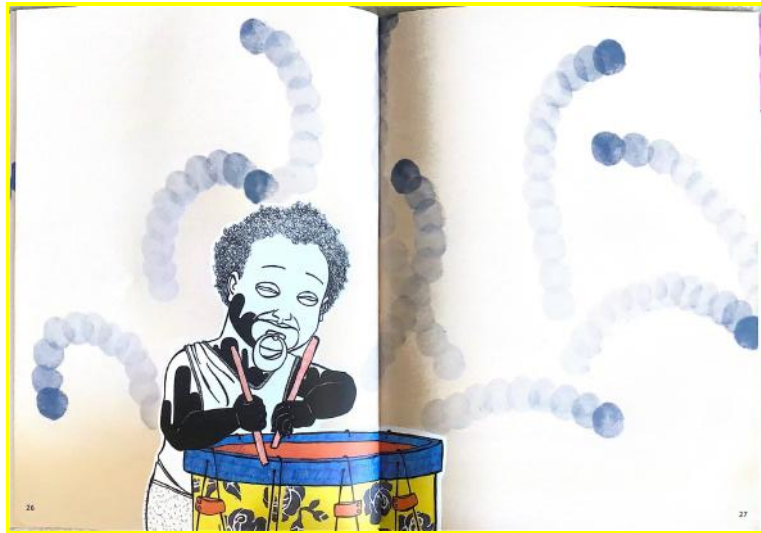


(figura 6: Baquetas caindo sob o tambor e emitindo som)

Logo após, ainda conseguimos ver o som se estendendo para toda a página, enquanto Benedito observa admirado sua descoberta. Um dos meninos comenta mais uma vez sobre o personagem usar chupeta e, curiosamente, movido pela observação do colega, o leitor ao lado diz que já sabe o porquê da obra não ter palavras, e o motivo é porque “bebê não fala”. Ele relaciona a figura de Benedito a um bebê, pois a página o mostra sentado com a chupeta na boca, olhando os movimentos vindo do som do tambor. Seu colega ao lado bate palmas e concorda animado com a afirmação. Um pouco depois a professora os questiona: “mas tá fazendo falta as palavras nesta história?” e a turma se mostra dividida, pois alguns dizem que “sim”, outros que “não”.

Ainda nessa página, um dos alunos pede para falar e sugere que Benedito está triste, pois a mãe dele foi trabalhar e não tem ninguém em casa. A professora argumenta se há algo no livro que nos direcione a essa conclusão, e uma leitora muito atenta responde que não, “pois não tem nada escrito pra saber.” A mediadora segue questionando se, ainda assim, existe uma imagem que indique que a mãe está trabalhando e o personagem está sozinho, como o aluno apontou. Este, então, com um tom de irritação responde: “Não, mas é a minha opinião.” A professora finaliza dizendo que ela está perguntando para que todos possam pensar juntos.

Chegamos na parte em que Benedito está de costas, com as baquetas na mão, repleto de formas geográficas sonoras e com o braço direito começando a desenvolver tonalidades pretas. Olhando com atenção, a imagem possui um tom de celebração, como se algo positivo estivesse sendo descoberto. Mais uma vez, a impressão é que Benedito orchestra a música que toma conta de toda a lauda. Um dos estudantes logo pergunta: “O que é isso que tá preto à mão”, e a mediadora faz questão de repetir para que todos ouçam. O leitor ao lado repara os movimentos dos braços de Benedito e também menciona que este se assemelha a um maestro. Depois de uma série de palpites, como “é uma sonda”, “eu acho que é um daqueles meninos que têm manchas” (se referindo ao vitiligo), “é sombra”, a mediadora questiona se eles já haviam visto essas “manchas” em Benedito anteriormente, dando exemplo da página anterior. Uma das alunas argumenta que ele poderia estar com parte do corpo coberto, por isso não apareceram as “manchas” anteriormente.



(figura 7: Tambor emitindo som e Benedito “se tornando” preto)

Quando a roda chega na página retratada acima (figura 7), uma das meninas, que, aparentemente, é uma das que participa mais ativamente das discussões até aqui, comenta: “Agora eu tenho certeza que ele tem vitiligo”. Rapidamente, o colega pergunta e ele mesmo responde: “Mas qual o problema? Nenhum!” Tendo como base esse breve diálogo e o nível de discussão dos participantes da roda, arrisco dizer que essa é uma turma que, mesmo estando na primeira infância, já possui pontos de vista muito afiados e preocupados com as temáticas sociais em voga. Certamente, a família possui papel central para formação de crenças nessa fase da vida, mas não podemos deixar de ressaltar que os assuntos trabalhados em sala de aula também formam opinião, e as obras escolhidas pelo corpo docente auxiliam de forma potentemente na construção desse olhar empático e, de certa forma, político, que os alunos possuem frente às discussões.

Os leitores seguem debatendo a página acima em que Benedito percebe que o toque no tambor é o que emite os sons ao seu entorno. Um dos meninos fala que acha que ele não tem vitiligo, “porque senão já tinha mostrado aqui”, apontando para as páginas anteriores. A partir daí, as crianças se animam e começam a dar diversas opiniões ao mesmo tempo: “Eu acho que ele se pintou”, “As bolas (representação do som), quando encostam nele, deixam ele preto, porque tem muito mais bolas do que antes”, também fazendo alusão às ilustrações à frente. Uma das poucas meninas da sala que, à propósito, ainda não havia pontuado nada durante a roda, comenta que a cada página que passa Benedito fica mais preto. Então, a professora pergunta o motivo daquilo acontecer. Um dos leitores levanta a mão e opina que “o tambor tinha uma tinta”. Percebemos, portanto, que eles começam a associar o

enegrecimento de Benedito aos instrumentos que estão ao seu redor. As “bolas”, quando entram em contato com ele, o fazem ficar preto, assim como a “tinta” do tambor.

Todas essas interpretações parecem fazer sentido e ir em direção ao que é narrado em *Benedito*. Até aqui, acompanhamos o encontro do personagem com um tambor e a descoberta de que, por meio desse instrumento, ele poderia reproduzir sons. Agora, estamos vendo mais de perto como o contato com o objeto é capaz de torná-lo um menino com cor. Benedito, desde a capa, aparenta não possuir nenhuma tonalidade, tal como um pedaço de papel em branco, mas, aos poucos, ele passa a conhecer o tambor, que, nessa obra, denota muito mais que um simples objeto musical. Esse instrumento faz com que Benedito se descubra um menino preto, o que o aproxima de sua cultura e ancestralidade, como veremos mais à frente. A construção de sentido que aponta para um plano mais abstrato da descoberta da negritude é, no entanto, compreendida por esse grupo de forma mais concreta como alguma contaminação mais imediata entre algum elemento e o personagem.

Voltando às discussões da mediação, a aluna segue convicta sobre sua opinião de que o personagem principal tem vitiligo e argumenta que a cada página o vitiligo dele foi aumentando, concluindo: “eu acho que, na última página, ele vai tá todo preto de vitiligo.” A professora, no entanto, rememora novamente uma obra trabalhada em sala que tratava dessa doença e contrapõe: “Mas o vitiligo, quando a gente leu o livro da Manu, não era o contrário? A pessoa não ia perdendo a pigmentação da pele? Aqui ele tá perdendo ou tá ganhando a cor?” A aluna fica pensativa, enquanto as análises continuam.

Convém sinalizar que as rodas de leitura aparentam ser realizadas com frequência nessa turma. De imediato, nos vem à mente, e assim retornamos ao que foi pontuado no início do texto, sobre a falta de acesso democratizado à leitura, o que impossibilita que essa dinâmica se estenda com a mesma constância e qualidade em todas as escolas brasileiras. Segundo dados de 2020 da pesquisa Retratos do Brasil, nos últimos anos, o brasileiro vem perdendo o hábito da leitura. Em contrapartida, o público infanto-juvenil tem lido mais. Entretanto, qual seria o perfil desses jovens leitores? 47% de seus respondentes são da classe C, porém, aqueles que podem ser denominados como leitores, segundo a régua do levantamento, pertencem, em sua maioria, à classe A. Neste caso, “leitor” é definido por aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Diante desse panorama, fica claro que o hábito da leitura é um privilégio. As escolas, por sua vez, devem

se comprometer em tentar minimizar essa desigualdade, e a realização de rodas de leituras é uma alternativa para isso.

Conforme as teorias vão sendo criadas, dois leitores relacionam as “marcas” pretas que surgem em Benedito como algo negativo, costume enraizado na cultura brasileira de forma muito sutil e recorrente. O primeiro comenta que o preto pode estar fazendo mal a ele, e o segundo diz que o tambor pode ter quebrado, e Benedito ficou tão triste que “ficou tipo que doente, *fica* assim preto”.

Atualmente, ainda reproduzimos um vocabulário advindo do período escravocrata. Várias expressões que utilizamos, assim como a ligação que fazemos entre cores mais escuras e sentimentos nocivos, influenciam a forma como nos relacionamos não só com a cor escura, mas também com a própria pele preta. Dessa maneira, é notório que as crianças, cujas criações se inserem em uma sociedade estruturalmente racista, e disso nenhum de nós escapamos, reproduzem e produzem teorias que vão nessa mesma direção, mesmo que não propositalmente. Silvio Almeida chama esse racismo, que é parte da ordem social, de racismo estrutural.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. [...] De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2019)

Dessa forma, percebemos que, mesmo a escola se comprometendo em levar discussões raciais para dentro da sala, por meio da roda de leitura, por exemplo, o racismo estrutural ainda se evidencia, até porque essa instituição não é única na qual esses leitores estão inseridos. Possivelmente, a instituição familiar seja a que mais constrói - e, seguindo a mesma lógica, é capaz de desconstruir - preconceitos estruturalmente enraizados.

Nos próximos minutos, a roda de leitura envereda por discussões muito interessantes, que entram em temáticas como estereotipização e autodeclaração. Um dos alunos comenta

que acredita que Benedito nasceu branco e, à medida que foi crescendo, ficou preto. Suas palavras transcritas foram: “Quando ele nasceu, ele era todo branco e quando ele tá crescendo ele tá ficando mais negro, por causa dos africanos que na Bahia são negros.” A mediadora repete o começo da fala “Você acha que a medida que ele vai crescendo ele vai ficando mais negro porque...”. Então ele, com o impulso de outro colega, complementa “porque ele é africano”.

Nesse diálogo, podemos ver dois movimentos de dedução, aliado à estereotipização: 1. a associação da pele preta à África e 2. a relação da África, e conseqüentemente do negro, à Bahia, como já havia sido feito anteriormente.

Durante a leitura, percebemos uma tendência dos leitores ao distanciarem de si corpos de cor e, neste caso, não destacamos como forma de discriminação. O distanciamento é ligado à localização, como mencionado um pouco mais acima. Nas vezes em que alguém comenta sobre pessoas pretas, os alunos fazem conexões com lugares distantes, e isso pode se dar por frequentarem ambientes majoritariamente, ou até totalitariamente, brancos. A sala de aula é um forte exemplo disso, visto que todas as pessoas que aparecem na gravação, sem exceção, são brancas.

Ainda ligado a essas temáticas, uma fala levantada por um dos leitores, e que gera uma discussão extremamente curiosa, é a de que toda criança nasce branca. Segundo ele, “sempre o bebê nasce branco. Daí, quando cresce, vira adulto ou criança, vai mudando a cor”. A mediadora logo questiona aos demais se isso realmente acontece. Uma colega ao lado tenta discordar, mas o aluno prossegue dizendo “Eu nasci branco e agora sou mulato”. Por fim, a leitora que havia discordado se justifica expondo que seu primo e sua tia haviam nascido “todo preto”.

O debate continua com falas muito ricas, como a do menino que concorda com o amigo, dizendo: “É verdade o que o Vitinho falou, porque eu nasci branco e agora *to* negro”. O ponto é que os dois meninos são brancos, apesar de se autodeclararem com muita certeza pretos. Isso nos leva a refletir sobre a relação que temos desde a infância com nossos corpos e, neste caso, com a cor que eles possuem. É relevante também mencionar que, durante toda a roda, vemos que essas duas crianças são bem próximas. Eles sempre cochicham entre si, brincam um com o outro, se imitam e, como acabamos de presenciar, se apoiam.

Eloiza Oliveira destaca que a psicologia da aprendizagem se sustenta em três fatores: a família, a escola e o aluno, e que os três, de toda forma, se complementam (p. 5, 2008). Partindo dessa premissa, acreditamos que os fatores da aprendizagem citados por Oliveira podem nos ajudar a formular suposições que expliquem o porquê desses dois colegas se enxergarem como negros.

O primeiro motivador possivelmente se dá devido a ambos meninos relatarem que possuem familiares negros, o que pode ter criado uma sensação de unificação ou até mesmo de pertencimento a um grupo, uma vez que se trata do núcleo familiar e, constantemente, tendemos a padronizar tudo o que o envolve. A família é a nossa primeira frente de aprendizagem e, por isso, ela nos influencia radicalmente.

A escola, para muitos, talvez seja o segundo núcleo de aprendizagem. Nela, além de termos contato com áreas mais técnicas do ensino, socializamos e aprendemos com o outro. Refletindo sobre isso, durante a roda, percebemos que diversas vezes os alunos tendem a repetir ou imitar algo que o colega de classe realiza ou fala, como o caso citado acima, produzindo uma espécie de mimesis. Para Vygotsky, esse processo de imitação, quando ocorre dentro de uma atividade grupal, como é o caso da roda de leitura, desperta uma reconstrução interna daquilo que o indivíduo observa externamente. O ato da repetição, portanto, pode ser compreendido como um dos caminhos para o aprendizado. (Vygotsky, 1989). Sendo assim, o segundo aluno que se diz negro pode apenas ter reproduzido o que o colega ao lado disse, reconstruindo, ou criando, a partir de um novo aprendizado, sua ideia interna do que é ser uma pessoa preta.

Por fim, tomaremos aqui o último fator não apenas como o aluno por si só, mas o aluno em sua totalidade, inflado de toda realidade social, econômica, geográfica e cultural que o molda. Trabalharemos esse ponto mais a fundo a seguir.

O debate segue adiante enquanto eles se empolgam refletindo sobre suas experiências para além da sala de aula. Um dos meninos que ainda não havia opinado sobre o assunto diz que “se sua família for negra, você vai nascer branco e aí depois fica preto”. Algo curioso digno de menção a respeito desse tópico é a naturalidade na qual as crianças que participam ativamente da roda dialogam sobre a temática racial. O debate ocorre com fluidez e sem meias palavras. Refletindo sobre isso, Rouxel escreve como é mais fácil os mais novos exporem seu ponto de vista sem pudor, comparado aos mais velhos.

Na primeira etapa do Ensino Fundamental, os alunos sempre revelam abertamente seus sentimentos e suas emoções, e o professor deve frequentemente lembrar a eles a necessidade de voltar ao texto. Na etapa seguinte, em contrapartida, os adolescentes resistem em considerar aquilo que consideram sua intimidade. (ROUXEL, 2013, p.21)

Com isso, percebemos que, hoje em dia, existe um certo cuidado ao discutir sobre a negritude por parte dos jovens e dos adultos, e isso vai muito além do ambiente escolar. O medo de usar um termo erroneamente e até reproduzir narrativas racistas faz com que parte da população pise em ovos e tenha receio de participar de debates raciais. Isso não ocorre durante o debate na roda de leitura, provavelmente, por se sentirem seguros nesse espaço e livre de julgamentos. As crianças mais participativas falam com muita tranquilidade e sem hesitação palavras como “preto” e “negro”, termos simples, mas que, constantemente, são precedidos de pausas por muitos adultos, como se fossem proibidos ou mal vistos.

Voltando ao texto, enfim chegamos na página em que Benedito está totalmente preto, tocando o tambor (figura 8). Um dos participantes diz “Ele tá todo preto, parece o Pantera Negra”. No momento em que isso ocorre, os demais se animam e repetem que Benedito é o Pantera Negra. O filme citado é um ótimo exemplo de produção majoritariamente preta que conseguiu furar a bolha racial, se tornando um fenômeno mundial e sendo conhecido por muitos. A literatura e a cinematografia possuem o poder de aproximar realidades que, no mundo real, são muito distantes. Pantera Negra apresenta não somente um super herói preto, como também a cultura de um povo africano (mesmo que fictício) e sua ancestralidade. Assim como em *Benedito*, a origem afrodescendente tem muito a dizer nessa obra, mesmo sem proferir uma palavra.

Nesse momento, traremos o terceiro fator pontuado por Eloiza Oliveira novamente à discussão: o aluno. Este traz para a escola um eu que começou a ser formado pela família com tradições e costumes muito próprios e específicos e que podem se assemelhar ou se afastar do outro, dependendo do meio vivenciado. Entretanto, como mencionamos, *Pantera Negra* é um exemplo de obra que rompe barreiras, alcançando vários núcleos. O ponto que queremos chegar aqui é que aquilo que se consome fora do ambiente escolar pelos alunos é levado para dentro dele e compartilhado com seus grupos, o que pode resultar em identificações que transpassam as características físicas.

Parte daí a terceira suposição do que pode ter sido motivador para os dois meninos citados acima se declararem negros, mesmo sendo brancos. Pela animação demonstrada,

podemos perceber que o Pantera Negra é uma referência de super herói para eles. Além disso, como também mencionado no início desta escrita, a professora afirma que os alunos costumam consumir na escola obras de autores e artistas pretos. Todos esses pontos podem ser combustível de inspiração para os meninos se autodeclararem pretos.

Os três fatores apresentados, como disse Oliveira, se complementam e estão interligados. Não podemos esquecer que não há interpretação certa para esse debate tão rico levantado por duas crianças que já se mostram grandes leitoras. Toda pontuação feita sobre as declarações dos meninos são leituras a partir do que foi trazido e interpretado durante a roda.

Outro ponto notado pelos alunos, ainda na página em que Benedito está completamente preto tocando o tambor, é a fila de bandeirinhas. Uma das meninas fala com entusiasmo: “olha as bandeiras”, o que faz com que alguns deles perguntem “Aonde?”, “Cadê as bandeiras” e se aproximem da mediadora para ver melhor. É importante ressaltar que não é a primeira vez que elas aparecem na história. Na folha de guarda, as bandeiras fazem companhia ao título da obra e, a princípio, passam despercebidas, mas, nas páginas finais, elas retornam, detendo significado valoroso na narrativa.



(figura 8: Benedito tocando tambor com o som ao redor)

Enquanto parte dos leitores sugerem que esse item decorativo apareceu na obra por conta do Halloween ou para uma Festa Junina, a menina que no debate anterior falou sobre o vitiligo diz: “Eu acho que ele tá fazendo uma festa sobre o Deus”, retomando as páginas até a dedicatória feita por Josias Marinho, na qual ele saúda Santa Efigênia e São Benedito. Voltaremos a esse tópico.

As últimas páginas do livro enveredam para discussões mais rápidas, pois os leitores já estão mais dispersos e cansados. Todavia, os debates realizados não perdem sua riqueza.

Chegamos na página em que aparece uma mão entregando um objeto para Benedito (figura 9). Os alunos começam a analisar quem seria aquele novo corpo, que aparece pela primeira vez na narrativa. O primeiro grita: “É a mãe”, seguido de: “Pode ser o pai”. Na sequência, outro leitor fala “Deve ser a mão do Deus saindo do céu”. Muitas teorias vão sendo criadas, mas, infelizmente, boa parte fica inaudível por conta das falas simultâneas.



(imagem 9: Benedito recebendo a gunga)

A mediadora passa para a página em que o personagem coloca o objeto no calcanhar. Em meio a muita conversa, um dos meninos afirma que possui um adereço igual ao de Benedito. Segundo ele, “é tipo um pandeiro que fica na sua perna, você anda e ele faz barulho”. Outra criança diz que também possui algo similar com o objeto e que seria uma espécie de tornozeleira.

Esse item é conhecido como Gunga, que basicamente seria um chocalho de pé utilizado pelos congadeiros. Explorando o contexto da obra, vemos que, no início, Benedito encontra um tambor e descobre que, por meio dele, são emitidos sons. Conforme se aproxima e maneja o objeto, o personagem vai criando cor e se torna preto. Agora, chegamos no ponto em que uma mão entrega a Benedito um objeto também capaz de produzir sons. Inclusive, se formos atentos, percebemos que o som desse instrumento é ilustrado com uma cor distinta, o rosa. Entendendo as representações trazidas por Josias Marinho, podemos dizer que Benedito

passa não somente por uma descoberta racial, mas também por uma iniciação cultural ancestral, a Congada.

A Congada é um auto popular representado por populações afro-brasileiras durante festejos ou festividades católicas, como Natal (25 de dezembro) e Dia de Reis (6 de janeiro). Trata-se de uma manifestação corporal híbrida, posto que apresenta em seu bojo traços da cultura africana – como se pode pressupor com base no nome (Congada –originalmente vem de Congo, em português) e da ibérica, particularmente, a portuguesa. Esta manifestação nasceu no Brasil, por volta do século XVIII, tempo em que ocorreram os primeiros registros históricos. (FILGUEIRA DE ALMEIDA, apud FERNANDES, 2007)

São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, saudados pelo autor na sua dedicatória, são celebrados, regionalmente, nas Congadas espalhadas pelo Brasil. Vemos aqui, mais uma vez, a razão pela escolha do nome do personagem principal, homenageando São Benedito, um santo negro e descendente de escravos. (RM, 2015)

Voltando à roda de leitura, a mediadora passa rapidamente pela lauda em que a mão entrega uma vestimenta para Benedito. Logo depois, ela vira para a página em que o personagem aparece com as roupas típicas da festividade, o que desperta discussões sobre estereótipos de gênero, visto que ele usava uma saia azul e uma blusa rosa. A princípio um deles pergunta: “É uma menina?” Então, a mediadora questiona por que ele acredita ser uma menina. Antes mesmo dele poder responder, um outro leitor fala: “Menino também usa saia. Pode ser um menino que gosta de saia.”.

Dando sequência, outro aluno pontua: “Mas tem pelo na perna”, como forma de atestar que não pode ser uma menina. A professora aproveita as observações para indagar se meninas não têm cabelo na perna, e um dos leitores responde prontamente: “Tem!”, seguido de uma ressalva da colega ao lado: “mas meninas tem um pouco menos de pelo na perna”. A mediadora novamente entra em cena e fala que isso depende muito do corpo de cada uma, ou seja, não é algo que se manifesta igualmente em todas. Então, para finalizar com a sinceridade perspicaz que só as crianças possuem, um dos meninos completa: “Tem uma menina do terceiro ano que é peluda.”

Já se encaminhando para o final, dentro de todo esse debate, em dado momento um dos meninos repara que Benedito tirou a chupeta, se tornando “grande”. Aqui, retomamos o que foi comentado mais acima: a forma como a narrativa explora a passagem do tempo, se utilizando de elementos sutis. O abandono desse artefato é muito simbólico, pois representa

não somente uma passagem de fase como também o amadurecimento do personagem, que se descobre uma criança preta e se aproxima de seus ancestrais por meio da Congada.

Ao mostrar a última página aos alunos (figura 10), a professora pergunta “E aí, o que vocês acharam?” Eles, já bem pertinho do livro, observando com atenção, comentam que Benedito está agora igual à mãe. Outro leitor diz que ele queria ser igual a mãe, mencionando a vestimenta similar de ambos. Por fim, um deles fala animado sobre seu sentimento a respeito da obra: "Eu não gostei, eu amei muito!”.



(figura 10: Benedito com as vestes festivas acompanhado de um novo personagem)

CONCLUSÃO

Benedito é uma obra ousada que instiga aqueles que a acompanham. Suas interpretações fogem do óbvio e levam o leitor a diferentes caminhos e discussões que rodeiam o debate atual. Muito mais do que um simples livro, *Benedito* é arte, pois nos apresenta a um mundo muitas vezes desconhecido, o que potencializa e introduz temáticas necessárias de serem levadas para a sala de aula.

Os leitores que acompanhamos neste trabalho parecem estar cientes dessa importância, visto que, como um todo, conversam de forma transparente e sem hesitações sobre estereótipos socialmente construídos e temáticas que cercam a ideia de negritude. Por ser uma turma que já possui contato com propostas de atividades que envolvem esses tópicos, percebemos que a dinâmica flui com leveza e é conduzida com muito respeito e cuidado pela

mediadora, a qual faz questão de instigar os alunos com perguntas retóricas e desconstruir verdades absolutas.

Benedito consegue prender a atenção do leitor mesmo tendo, na maior parte da sua narrativa, um único personagem que - por mais irônico e paradoxal que seja, por se tratar de um livro que não possui falas - descobre um instrumento musical. Em meio a uma atmosfera sonora que não necessita de nenhuma fala para expressar toda sua potência, *Benedito* entra em contato com sua origem e, por meio dela, se descobre um menino preto.

Por fim, é preciso dizer que, como mencionado no início, esta é uma pesquisa em andamento que tem por objetivo seguir investigando, principalmente, como ocorre o processo de auto identificação em crianças e como elas lidam com temáticas que permeiam a ideia de negritude. O próximo passo é levar *Benedito* a alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro, como forma de comparação em vários âmbitos: regional, de classe e, sobretudo, de raça. Sem dúvidas, a obra de Josias Marinho agradará e renderá bons debates e descobertas por onde passar.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Débora Cristina de. A Produção Literária Infanto-Juvenil Brasileira e as Relações Raciais: Conjuntura, Limites e Possibilidades. XI CONLAB: UFBA, 2011.

FILGUEIRA DE ALMEIDA, D. CORPO, CULTURA E SINCRETISMO: O RITUAL DA CONGADA. Pensar a Prática, Goiânia, v. 15, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/rpp.v15i1.18012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/18012>. Acesso em: 29 dez. 2022.

FRANÇA, R. O Pequeno Príncipe Preto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOMES OLIVEIRA, E.S. Conceito, características e componentes da Aprendizagem. Psicologia e Educação. Consórcio CECIERJ, 2008.

IBOPE INTELIGÊNCIA. Retratos da leitura no Brasil. Plataforma Pró-Livro, 11 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IP_L_dez2020-compactado.pdf. Acesso em 13 jan. 2023.

MARINHO, J. Benedito. São Paulo: Livraria Saraiva (Selo Caramelo), 2014.

PAIVA, A; RAMOS, F. O não-verbal no livro literário para criança. In: Girotto, C; Souza, Renata. Literatura e Educação Infantil: livros, imagens e práticas de leitura. Vol. 1. Editora Mercado de Letras, 2016. p. 193 - 219.

RAMOS, F. B.; NUNES, M. F. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil: Editora UFPR, 2013.

RM, M. Congadas: Uma celebração a São Benedito. Revista Continente, 01 de junho de 2015. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/174/congadas--uma-celebracao-a-sao-benedito>. Acesso em 03 jun. 2015.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; DE REZENDE, Neide Luzia e JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.) Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, G. A memória verbal e icônica na literatura infantil de Josias Marinho. Literafro, 24 de Agosto de 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/609-a-memoria-verbal-e-iconica-na-literatura-infantil-de-josias-marinho-glauciane-santos>. Acesso em 28 mar. 2023.

VYGOTSKY, L. S. Problemas de método. In: A formação social da mente. Tradução José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto, Solange, C. Afeche. 3. Ed. São Paulo Martins Fontes, 1989.